

# A FUNÇÃO SOCIAL DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO NÍVEL MÉDIO

FRANÇA, Valnei Francisco de – PPGR/UFPR  
[valnei.sociologo@yahoo.com.br](mailto:valnei.sociologo@yahoo.com.br)

Área Temática: Formação de Professores  
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

## Resumo

Este artigo é o resultado parcial de uma investigação qualitativa a respeito da relação professor, alunos e o conteúdo da disciplina de sociologia. O conteúdo agora exposto parte da reflexão do autor a partir de sua história pessoal como professor de sociologia na rede pública estadual do Paraná, contatos informais com professores da rede pública. E faz parte da montagem do perfil de seis turmas de sociologia para construção de uma dissertação através de questionários e entrevistas, bem como uma análise de literatura sobre as relações da Escola com o conceito de cultura. Para tanto abrangerá a questão profissionalização-proletarização do professor da educação básica, através de uma metáfora sobre a questão da “indústria educacional” e suas relações internas à Escola, bem como as relações com a sociedade. Nestas relações procurará, o autor, apontar àqueles pontos que, velados, dificultam a realização do ato pedagógico, bem como aqueles que participam, como construtores de uma prática reflexiva sobre a realidade. Possibilitando a visibilidade dos sujeitos envolvidos no processo educacional, de forma que possam desvelar a realidade em sua práxis rumo ao que Paulo Freire se refere como “emancipação”, no nosso caso de professor e alunos numa relação dialética. Além de Paulo Freire, são utilizados autores da pedagogia crítica como Giroux e Apple. Este estudo centra no conceito de cultura e suas relações com o cotidiano, em Agnes Heller, Ariel Kosic e o próprio Freire. Após essa primeira etapa da investigação, podemos apontar como resultado a necessidade do professor de sociologia estar numa relação de “práxis reflexiva” na aula, pois, a ciência sociológica dispõe de conteúdos que, participando de reflexão, transforma a “cotidianidade” em realidade concreta para professor e aluno.

**Palavras-chave:** Formação do Professor; Sociologia; Sujeito da práxis; Conteúdos.

## Introdução

Este artigo se propõe a apresentar uma reflexão, inicial, que serve como suporte para a elaboração de uma dissertação sobre as relações na disciplina de sociologia, do ensino médio, entre: professor, alunos e os conteúdos da mesma. A disciplina de sociologia adquire a condição de obrigatoriedade em todo território nacional, Diário Oficial da União de 03/06/2008, página 1, em um contexto de mudança do quadro sócio-econômico mundial e

nacional. Enquanto a economia internacional vive em meio às incertezas das especulações, no âmbito nacional a situação é de relativa estabilidade. Há um aumento na qualidade de vida, empurrado pela estabilidade econômica e subsídios dos programas governamentais. No plano político o Brasil navega em águas calmas se comparado com o cenário internacional, onde a violência política em alguns países é presença constante. O Brasil não consegue sanar ou mesmo diminuir a violência social que é incrementada pela má distribuição de renda.

Finda uma etapa importante para a Sociologia, a luta de sua inclusão enquanto disciplina do ensino médio, após um longo processo que se fez presente na história do Brasil. A partir desta situação uma questão se ergue, em relevância, na etapa que se apresenta para consecução da referida disciplina: **construir um estatuto para a disciplina, que mostre a relação dela com a realidade de professores e alunos numa perspectiva de inserção no contexto sócio-cultural, atual, do país.** Inserção esta, que leve em consideração os aspectos que a levaram a ser discriminada, cerceada e excluída durante um longo período de tempo dos currículos escolares. Então, qual é a função social da disciplina de sociologia no ensino médio, que responda a apoiadores e opositores da necessidade de sua presença na educação básica? Trazer esta discussão exige uma reflexão sobre a formação do professor de sociologia tendo em vista um ensino médio destinado a uma parcela significativa de jovens envolvidos a uma infinidade de circunstâncias que vai da violência, passando pelo trabalho, chegando até a um ar de incerteza, (GOEDERT, 2007, p. 8-10), que causa uma aparente apatia em alunos e alunas. O autor traça um caminho através de uma metáfora relacionando a Escola como uma indústria que produz “alunos”, mal formados, aligeirados, que obedecem a uma lógica do capital. Depois, serve-se do conceito de cultura para analisar a constituição do “cotidiano escolar” e as relações de seus sujeitos.

Neste estudo, parcial, o autor conclui da necessidade do professor de sociologia, em sua ação pedagógica no ensino médio, transformar a sua aula em um momento de reflexão da realidade de ambos, professor e aluno. E aponta, ainda, que o processo de construção e consolidação desta disciplina necessita uma ampliação das discussões sobre a formação dos professores. Ampliando a discussão, também, para a seleção dos conteúdos a serem trabalhados sob esta uma nova perspectiva, os métodos que estes conteúdos sejam estudados, a carga horária, a relação com as outras disciplinas e professores, a gestão da escola e a inserção da própria escola na comunidade de referência.

## O Professor em construção

O Professor em construção, a lição. O autor inicia sua reflexão a partir de sua experiência profissional, como professor da rede pública estadual, quando utilizou a cultura acadêmica, cultivada pela incerteza financeira e a insegurança pedagógica de quase todo iniciante. Não prestou atenção à composição social da Escola. Ela recebia alunos excluídos que conviviam com a pobreza e a violência em graus maiores e desconhecidos por ele e, ainda, o projeto de "correção de fluxo", onde muitos professores agiam a inculcar nos alunos uma ideologia de coitadinhos, de "inválidos educacionais", que só por uma ação benevolente dos professores conseguiriam sair do ensino fundamental e alcançar o ensino médio. Foi um período que o autor ainda estava impregnado do conceito de "fracasso escolar", fato este que o impossibilitava de ver o real como realmente era.

Seus alunos se achavam "burros" e eram tímidos por causa disto. Sentiam-se fracassados. Eram os "desajustados" como se refere Apple (1989, p. 57). Os colegas professores se esforçaram em indicar "o caminho das pedras": "manter rédeas curtas", "exigir muito e depois barganhar - na hora das avaliações". Havia, ainda, uma ação pedagógica que era dar "atividade" aos alunos, isto os mantinha ocupados, era atividade pela atividade, alguns professores sequer liam o que os alunos escreviam. Não interessavam. Bastariam manter o "ar", as "aparências", caso contrário "era procurar sarna para se coçar".

Neste relato foi exposto a condição primeira de formação e ação pedagógica do autor e como os conceitos o orientavam para algo fora da realidade da ação pedagógica. Faltava-lhe o conhecimento da dinâmica da Escola, algo que a Academia não o dera. Hoje é percebido que neste processo se relacionavam várias culturas, várias formas de produção e reprodução de saberes: o do professor particular, do professor do geral acadêmico, o professor do senso comum, à dos professores da Escola, a da Direção, a da equipe pedagógica, à dos alunos, à de seus familiares - que surgiram nos casos de violência e de notas muito baixas. Tudo se imbricando, gerando conflitos e entendimentos numa dinâmica própria que o sujeito individual não era capaz de compreender as múltiplas relações. Eles, os alunos, passaram a fazer parte do planejamento de aula e da vida do professor, pois até então ele cumpria aquilo que satisfazia seu contratador, o Estado, e a sua situação financeira: "passar conteúdos". Desse primeiro momento, sobre a reflexão da história do professor iniciante, ficou a necessidade de reconhecimento, no outro, da capacidade de agir autonomamente. Embora

que, ainda, não de uma forma muito sistemática, era mais intuitiva.

Fica a questão: quem é o professor de Sociologia no Ensino Médio.

### **“Tempos Modernos – a proletarização do Professor”**

Na consolidação do Estado Burguês, a elite dominante procurou nas orientações positivistas o suporte que embasa sua intenção de por limites à ascensão do proletariado emergente. Foi assim que surgiram dois tipos de Escolas: uma humanista para os seus pródigos, e uma técnica destinada a poucos filhos de operários que preencheriam àquelas vagas que necessitassem mais de instrução, motivadas pelo avanço tecnológico. Assume-se na área educacional àquilo que tão bem se fez na consolidação do capital industrial: a divisão social do trabalho<sup>1</sup>.

As implicações da divisão social do trabalho é o isolamento das diversas atividades que ocorrem na Escola. Apple (1989, p. 15) aponta “um complexo processo de desqualificação e requalificação[...]”. A partir de então, são construídas as relações sociais que produzem e são produzidas pelas “formas culturais” da Escola inserida em um determinado espaço político/geográfico e um contexto histórico.

Na Escola, de acordo com Ileizi, (2005) existem expressões como “os alunos precisam de disciplinas, valores cívicos e morais, religiosos”, de “aprender a se relacionar com a sociedade”<sup>2</sup>. Dependendo das relações estabelecidas em cada Escola, aos professores de Sociologia fica a obrigação de “conter os alunos”. Antes se via na Sociologia a “vacina” conta a influência da religião na Escola, hoje, age-se exatamente ao contrário. Com esta prática formam-se, na divisão social do trabalho pedagógico, “estamentos” entre as disciplinas, que passam a planejar e agir de forma individualista. O que dificulta ao aluno as condições de ver criticamente a sociedade.

Historicamente, nas Escolas se forma um tipo de cultura das “formas de escolarização” que seduz àqueles que não possuem, ainda, uma prática reflexiva, crítica, de sua ação como professor. E o Professor de Sociologia não é exceção a essa regra, só que com

---

<sup>1</sup> (APPLE, 1989 p.57-73) aborda de uma maneira peculiar esta questão.

<sup>2</sup> (ILEIZI, 2005) Teleconferência Educação profissional/SEED sobre os fundamentos sociológicos para a educação.

um inconveniente. O aluno pode demorar a utilizar a equação de 2º grau, a geometria, à trigonometria, o simbolismo, a oxidação, o equilíbrio estequiométrico. Tudo isso pode esperar para ser utilizado, contudo, os alunos na aula e após saírem dela estão inseridos, imediatamente, às questões sociológicas, o seu mundo real. Pois a Sociologia está ligada diretamente à construção de suas vidas. Mesmo que esse real esteja velado no cotidiano, (HELLER, 1985, p. 17). É importante frisar que, entender não é compreender reflexivamente. Este significa ter condições de identificar as contradições concretas e poder optar para o crescimento e humanização, (FREIRE, 2007, p. 110).

A inserção da Escola na sociedade capitalista pode ser vista através de uma metáfora onde ela assume a condição de “indústria de educação”. Nesta Escola fabrica-se o “cidadão”, um ser abstrato, com atributos considerados universais, mas que se presta para se falar do amanhã, deixando o hoje na indefinição.

### **O Operário Educador**

Nesta “fábrica de educação” o operário é o professor, àquele que transforma a “matéria-prima”, a natureza: de seu aluno. Enquanto proletário participante da indústria educacional o professor é formado para aprender os conteúdos da ciência sociológica, dominar as técnicas didáticas, de repasse, dos mesmos. Sua ação, inicialmente, é fabricar o aluno/cidadão e por fim o “cidadão/autônomo”. Na educação, primeiramente, transforma-se a natureza da matéria-prima - a criança, agregando disciplina, moldando na linguagem, hábitos de higiene, organização para a obediência, criando o produto “aluno/cidadão”, que possuem direitos e que não sabe que pode utilizá-los. Esta “indústria”, após a fase de incorporação das novidades especializadas, (5ª a 8ª séries), adquire um grau superior, o segundo grau, que mudou para ensino médio na lei, mas na prática continua-se a pensar e agir como sempre.

Chega-se a fase de acabamento, o ensino médio, onde se postulava formar o produto/cidadão para o mercado de trabalho e, para tanto, havia a necessidade de agregar mais tecnologia em seu processo de formação. Passou-se pelas tecnologias educacionais e levou-se o cinema para a sala de aula, o vídeo, e de lá para cá se tenta incorporar os avanços tecnológicos das comunicações. Essas tecnologias em alguns casos tornaram-se “penduricalhos” onde não houve uma real incorporação das mesmas no processo pedagógico como meio a auxiliar a reflexão do professor e alunos. Surgiu uma questão: não é porque

surge uma nova tecnologia na sociedade que, mecanicamente, ela seja incorporada à Escola. Produziu-se toda uma diversidade de meios de ensino que aliados à falta de uma tradição na “grade curricular” impossibilitou à disciplina de sociologia, do ensino médio, a constituição um corpo sólido de conteúdos. Os conteúdos passam a ser peças ou sistemas que são acrescentados para bem melhorar o desempenho do aluno/produto, o seu brilho e, assim, está pronto para ir à prateleira. Aprimorar o produto é aplicar um “verniz” de conteúdos, dominados teoricamente pelo professor, que torna o aluno conhecedor/possuidor de um conteúdo alienante, abstrato, que o mantém a uma distância do real vivido pelo aluno e o professor, isto reforça suas cotidianidades. Como aborda (FREIRE, 2007, p. 101).

Para um consciente processo educativo o que deve determinar a escolha dos conteúdos específicos é o processo pedagógico reflexivo emancipador, que incorpora àquilo que lhe proporcione o seu desenvolvimento, rumo à sua emancipação (FREIRE, 2007, p.119-110). A partir destas reflexões iniciais, resta-nos uma questão fundamental para a consolidação da disciplina de sociologia no ensino médio: - quais são os conteúdos essenciais para a realização da emancipação do aluno?

### **A dimensão sócio-cultural da escolarização e a função social do ensino da sociologia**

A Escola faz parte de um imenso e complexo conjunto de relações sociais, que se desenvolve de forma dinâmica e autônoma, exercendo uma atividade na organização total que a caracteriza com uma responsabilidade: organizadora e transmissora de um conjunto de saberes considerados “universais”, que proporcionam a reprodução da sociedade e da própria Escola, mas detendo parcela significativa, de autonomia, na construção de sua existência. Com isto ela adquire duas dimensões: uma que lhe é atribuída pela sua “atividade social” e outra, mais velada, subjetiva que a identifica como única – sua particularidade. Tudo isso num mesmo momento e contexto com uma relação de dialeticidade do geral com o particular e sua cotidianidade. (HELLER, 1985, p. 20-23).

O movimento da Escola é o conjunto das dinâmicas dos sujeitos individuais e coletivos expressas nas suas relações num determinado tempo e contexto histórico. Isto projeta toda uma produção cultural que aparentemente é homogênea, mas que em seu âmago carrega uma grande diversidade, correspondente à sua composição: **os sujeitos e suas**

**relações**<sup>3</sup>.

A Escola possui três características fundamentais: a sua historicidade que nos mostra o processo histórico em um contexto e suas determinações, onde os sujeitos mantêm relações e produzem uma vida cotidiana, (HELLER, 1985, p. 17). Em se falando de sujeitos abordamos outra característica cultural da Escola a antropologia e, a partir da preocupação com o Homem, definindo-o e buscando compreender suas particularidades na diversidade de suas relações e produção simbólica. Assim, chegamos à sociologia e que aborda o como este ser, o sujeito, se relaciona, cria toda uma intersecção de motivos e ações, hierarquias e poderes.

Para os olhos da cultura podemos nos basear em Freire (1980, p. 33-40) onde ele apresenta seu conceito de “Idéias-Forças” e inclui sua concepção de cultura ou em Giroux, (1997, p. 153) quando se refere a Paulo Freire. É nesta Escola, vista com os olhos da cultura, como local de experiência vivida, que deve agir, pedagogicamente, o Professor de Sociologia. O problema é demonstrar “o como”. Devemos procurar a origem da ciência que dá origem e suporte epistemológico à disciplina, no ensino médio, e recolocá-la no rumo inicial: compreender e propor estratégias para os problemas da sociedade em questão – a capitalista.

Pensar na disciplina de Sociologia, no ensino médio, requer um pensamento pedagógico que sustente a discussão. No início desta disciplina no ensino médio a intenção era revestida da “higiene”, que Benjamin Constant queria realizar: livrar a educação de toda a influência religiosa<sup>4</sup>. Esta postulação coincide com o ideário positivista, do qual o propositor, fora arauto de sua consolidação no Brasil. A saber, sendo a ciência positiva o estágio mais elevado da sociedade, onde todas as questões metafísicas se viam anuladas, acabadas, não exercendo força alguma, por extensão a sua disciplina deveria servir para afastar de vez a influência religiosa nas Escolas. Donde se pode concluir que independente da visão conservadora, o positivismo como orientação para a disciplina escolar de sociologia, possuía em si uma finalidade de intervenção social, sendo que seu objeto era uma “leitura mais acurada do real”, possibilitando, assim, a construção de uma sociedade laica. Voltando ao momento atual, 2008, onde a disciplina de Sociologia ocupa uma posição, junto à filosofia, de destaque na busca de uma melhoria da educação brasileira, concorrendo com a formação de um “cidadão crítico”, (DIRETRIZES, 2006, p. 19). Propomos que o Professor de sociologia

---

<sup>3</sup> Para compreensão deste estudo, ver (KOSIK, 2002 p.15) sobre a pseudoconcreticidade.

<sup>4</sup> Texto baseado nas informações da versão preliminar das Diretrizes Curriculares Estaduais 2003-04.

atue na Escola como um “Sujeito da Práxis”. Não apenas pela sua formação, mas pela posição social da disciplina na participação de uma reflexão profunda e instigadora de uma prática transformadora da realidade. Acrescentamos a definição de que o “sujeito na educação” e suas relações frente aos outros sujeitos, os conteúdos disciplinares, às hierarquias é o “sujeito da práxis”, compreendendo esta relação como nos coloca Paulo Freire, (FREIRE, 1975, p. 77 e 109) e complementando a visão do problema com as definições de “sujeito social” de Gramsci e de “sujeito concreto” de Kosic<sup>5</sup>. Desta forma, delimitamos a Escola como campo a ser estudado, e nela as relações sociais e os produtos culturais de seus sujeitos

A Sociologia, enquanto ciência da sociedade, não pode e não deve ser estudada de forma contemplativa. Conhecer sua origem é reconhecer sua intenção de intervenção na sociedade. A questão se torna importante na medida do conhecimento de sua epistemologia. Não é uma ciência de exceção e sim democratização, compreendendo como um conceito que exprime a inclusão de todos no seu processo. Pois, seu conteúdo deve ser compreendido como sendo o conhecimento construído pelos sujeitos, na sociedade, de forma que seja contributo no processo de conscientização de sua condição de classe, num primeiro momento em si, no que abra a possibilidade de uma leitura do real com identificação de seus condicionantes. Que ele possa ver as reais opções em sua vida e utilize sua autonomia para a escolha. Da mesma forma em que o processo se dirija em direção à condição de classe para si, onde, o indivíduo se perceba como parte constitutiva de um coletivo. E que, nesta condição, sua participação coletiva reforça a condição de existência sua e do seu grupo social, fazendo de suas ações forças para transformar sua realidade, dominando e anulando as determinações ideológicas fruto de um poder hierarquizado de classes sociais sobrepostas.

Portanto, reconhecemos a Sociologia como uma ciência para a práxis. E por extensão o Professor de Sociologia é o “sujeito da práxis”. O Aluno, àquele que estuda a Sociologia também, não pode ser contemplativo nem “receptáculo” e sim um “sujeito da práxis”. Então, ambos os sujeitos cognoscentes, (alunos e professor), pertencem ao mesmo processo da práxis, ambos devem buscar a reflexão de sua prática para transformar suas realidades. A partir disto, podemos definir o conteúdo como instrumento que participa da reflexão destes sujeitos em relação à realidade em que estão inseridos. Estes conteúdos devem participar do

---

<sup>5</sup> Estes conceitos de sujeitos: práxis, social e concreto, merecem uma análise mais profunda, por ora neste texto ficará a indicação. Mas, indico que eles estão intimamente relacionados entre si.

processo de criação/produção de um conhecimento sobre a realidade destes sujeitos.

Anteriormente, referi-me a Escola como possuidora de “processos de produção e reprodução de saberes” e apoiado em Paulo Freire, reconhecemos os sujeitos como sujeitos “cognoscentes”: todos, sem exceção, possuem esta condição e a usam, em graus e extensões diferentes. Estes sujeitos são construtores de conhecimento na Escola. Particularmente, o professor de sociologia deve agir na construção do diálogo entre o seu mundo, de estudo crítico da sociedade, e o mundo dos alunos, aparentemente caótico e desordenado, desconhecido para eles mesmos. Fazendo isto, o professor de sociologia preenche o conceito de democracia radical, entendo-a como a liberdade de escolha a partir do conhecimento do real, resultado de um processo de conscientização onde o indivíduo se constrói em sujeito. **“O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que pode eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado”**, (idem p. 96, grifo nosso). Agindo dessa maneira, o professor promove uma relação de ensino para com a aprendizagem entre iguais. Realiza o diálogo. Promove ao outro a propriedade da fala, que sistematizada e incluída em um sistema de reflexão assume uma condição de desvelamento da realidade criando as possibilidades de transformação da mesma naquilo que o anula, que faz dele objeto de outros sujeitos detentores do poder.

Não é apenas na relação da postura metodológica que deve haver mudança. A organização didática começa pelo seu planejamento, pela escolha e organização dos conteúdos que deverão servir como “instrumentos mediadores” da reflexão no diálogo do professor com o aluno em sua intervenção, leitura da realidade opressora.

Também é responsabilidade do Professor de Sociologia a participação no processo de reflexão rumo à conscientização dos outros sujeitos que atuam na comunidade escolar. Seus colegas, professores de outras disciplinas que podem, ainda, estar no estágio de “classe em si”<sup>6</sup>, pois realizam discussões de questões imediatas sobre o real a ser transformado, resolvido, sem, contudo, agirem para que estas ações retornem em forma de reflexão crítica possibilitando-os ampliarem a visão social para além das questões mais imediatas. Agindo

---

<sup>6</sup> O conceito de “classe em si” em (FREIRE, 1975 p. 188) aparece como “seres para o outro” fruto de uma “invasão cultural... em que o ponto de decisão da ação dos invadidos está fora deles e nos dominadores invasores. E, enquanto a decisão não está em quem deve decidir, mas fora dele, este apenas tem a ilusão de que decide”.

desta forma, resolvem questões temporárias de salário e poder aquisitivo e perdem a noção de ampliação das condições de humanidades. Não resolvendo as questões mais profundas, estas com o passar do tempo fazem o custeio da vida se desgastar e voltam os problemas semelhantes aparentando serem os mesmos, os ingênuos os vêem como sendo os mesmos, é “a roda da história”. É um pensamento de naturalização das relações sociais. Pois não mudando radicalmente as condições que geram a ausência de condições de custeio da vida, esta, pela barganha e necessidade do coletivo capitalista, tornará a voltar e cobrar de novo uma mobilização, que parcial, servirá mais aos objetivos do opressor, ou seja, ele se beneficia com a não transformação das condições mais profundas do problema – a expropriação do trabalho alienado. Tal qual a barganha de notas, com os alunos, no relato inicial deste texto. Os alunos não se comprometendo com o estudo, e a construção de seus conhecimentos a partir dos conteúdos apresentados pelos professores, se tornam vítimas das situações de baixas notas – rendimento escolar. É a valorização do individualismo. Os alunos e professores ficam reféns consentidos de uma situação que eles mesmos criaram e não conseguem sair – suas cotidianidades, a não ser com uma profunda reflexão e uma intervenção crítica, consciente no processo de aprendizagem. Então, tornando-se sujeitos da condição de “classe para si”<sup>7</sup>.

Não é fácil. “Conceber a educação como um projeto em ação, requer uma reflexão profunda sobre a sociedade onde ela é erigida”. Elaborando os contornos para uma nova sociedade, fundamentada em princípios que eliminem a “opressão do Homem sobre o Homem”, desalienando o processo de construção de sua vida. Fazendo-o se afastar cada vez mais do pragmatismo de vivência individual. Cabe ao professor de sociologia dar continuidade da discussão sobre a Ciência Sociológica colocando a Escola no centro da discussão e desta forma desvelando os liames da cotidianidade. O professor não pode só repassar conteúdos. Primeiro, sem saber da significância dos mesmos para os alunos e ter claro para si mesmo, em segundo não pode ele abdicar de sua condição de “ser-sujeito” e aceitar a imposição de conteúdos pelas esferas hierárquicas das administrações educacionais. Deve ele analisar e transpor propostas aos seus alunos, para que os mesmos promovam seus

---

<sup>7</sup> O conceito de “classe para si” em (FREIRE, 1975) aparece como “seres para si” onde “Os oprimidos só começam a desenvolverem-se quando, superando a contradição em que se acham, se fazem ‘seres para si’”. É uma proposta de leitura da alienação caminhando para a emancipação com autonomia. Um maior aprofundamento do conceito de origem marxista pode ser visto na dissertação de (RODRIGO, 2006 p. 107-117) capítulo II – Classe em si, classe para si.

processos de reflexão. O professor de sociologia, enquanto sujeito cognoscente, tem o dever de intervir na produção das propostas curriculares da sua Escola, não apenas de sua disciplina, mas participar no coletivo, contribuindo, de maneira crítica, no processo de transformação do real de toda Escola. Heller nos colocar da necessidade de elevação do humano-genérico, como forma de libertação da alienação, com a participação da práxis, não em parte, mas no entendimento da práxis como uma totalidade e não exclusivamente da prática, (HELLER, 1985, p.36)

Sendo a Sociologia uma ciência que surge e se consolida a partir da reorganização do sistema capitalista industrial, e parte constituinte desta, possui em seu bojo as condições de buscar soluções dos problemas por meio de sua práxis, desvelando suas contradições. Esta atividade só será possível quando o professor de sociologia criar seu núcleo de estudo e reflexão, onde o compartilhar com outros professores seus êxitos e decepções possibilitarão à montagem, o equacionamento, a problematização dos problemas sociais – incluindo os pedagógicos. Repensar a disciplina é vê a construção de uma autonomia no outro, que em condição de sujeito, mesmo afastado da Escola, tenha condições de escolher e agir de maneira a eliminar todo o estado de opressão.

### **Considerações Finais**

O atual modo de organização da sociedade capitalista, em particular o modo como o Brasil se insere neste modelo, conhecido como a expansão “neoliberal” ou simplesmente “globalização”, exige que a educação, em sua parcela crítica, reflita sobre sua ação. Historicamente as Ciências Sociais foram mais interpretativas que interventoras. Fato este que transformadas em disciplinas escolares perderam o encanto, o elo, pois não puderam manter a mesma significância que os pesquisadores, abnegados, produziram seus conhecimentos. Não por maldade, ou má intenção e sim por imitações epistemológicas, ideológicas e, principalmente, políticas. Pesquisar sobre a sociedade resulta informações características e apaixonantes, mas os resultados se limitam a aceitação de quem detém o poder. Isto nos mostra a dificuldade de transformação que seja externa à própria área da educação, dos sujeitos que atuam em todos os processos. Olhando com um pouco de distanciamento, podemos perceber que em todas as hierarquias, níveis, são produzidos saberes que se transformam de acordo com a intenção e atuação dos sujeitos e das hierarquias. Formam-se

mais normas que conteúdos que auxiliem no processo de conscientização. Existe um espaço entre os fazedores da educação e os fazedores de conhecimentos da educação, criaram-se muitas instâncias intermediárias entre a normalização e a realização da educação.

Para romper com esta realidade, que causa o “imobilismo profissional”, a desmotivação, o descaso, a má escolarização da educação básica e por extensão a universitária é preciso ter como princípio os elementos que confrontam a lógica do sistema capitalista de produção. Pois, tudo como está, concorrem para a reificação de ideologias dirigida às classes populares de conformismo e “ascensão social” através do investimento do individualismo.

A ciência sociológica produziu e produz uma grande diversidade de teorias sobre uma quantidade cada vez maior de áreas sociais. São conhecimentos que buscam a compreensão das relações sociais, e suas expressões, acompanhando o desenvolvimento na sociedade capitalista das tecnologias e suas infra-estruturas<sup>8</sup>. Em um mundo criado e re-criado por relações sociais, é vital para o Homem poder compreendê-las, criticamente, a fim de se colocar elas na condição de “sujeitos de si” (\*). A Sociologia, enquanto Ciência produz conhecimentos que auxiliam o olhar para essas relações sociais com muita propriedade, pois é produto desta sociedade, surgindo quando da busca de compreensão das contradições sociais crescentes no período da consolidação do “capitalismo industrial”. Formada a ciência, ela se estendeu de tal forma que influenciou o “pensamento científico”, incluído a educação, que incipiente, neste período, enquanto estatuto científico passou a ser vista com o fim do desenvolvimento da sociedade capitalista. E, para tanto, foi imposta à Escola todo um pensar e agir para fora de seus muros. A Escola passa a ser uma “Instituição que forma cidadãos”. Ela não tem um fim em si mesmo, é definido pelo que pode, ou deve, fazer para a sociedade. Criou-se “o veneno” que imobilizou por muito tempo o pensamento educacional e que, ainda influencia, dificultando uma compreensão menos universalizante e mais localizada, particularizando a vida escolar.

“Do veneno se extrai a vacina”. A própria ciência sociológica ressurgiu para desvendar aquilo que obstruiu reconhecer a dinâmica da Escola. Quando pensadores sociais passam a ver a Escola pela lente do conceito de cultura, possibilita o desvelamento da riqueza de ações pedagógicas. Tal qual a ciência biológica quando descobriu o “mundo microscópico” onde antes só se via esterilidade. A partir de então, a sociologia se afasta das propostas

---

<sup>8</sup> (MÉSÁROS, 1981, p. 279) explica a relação da Escola com o sistema capitalista.

universalizantes para ir de encontro às particularidades de cada estabelecimento e seus sujeitos. Sujeitos estes que adquirem visibilidade no processo, quando lhe é reconhecida a condição de produtores de conhecimento.

Ao assumirmos que os conhecimentos são produzidos por relações sociais entre os sujeitos na produção e re-produção de suas vidas, identificamos vários níveis desta produção-reprodução, e, no presente estudo, reconhecemos a importância da Escola neste processo e, particularmente, o ensino de sociologia na Educação Básica. Este, com base em nossa proposta de possibilitar aos alunos e professores reflexões sobre suas realidades, possui a função social de “gestar” o conhecimento sociológico. Não que o ensino médio passe a ser uma graduação, e sim agir como uma iniciação científica em sociologia pelos sujeitos na sociedade. Reconhecido este processo no ensino médio, possibilita um movimento dialético da vida dos alunos e seus grupos sociais de convivência.

Então, qual o por quê da apropriação do termo “gestar”? O motivo é que só se gesta para o futuro. É comum os professores do ensino médio, e o professor de sociologia não é exceção, dizer que o aluno é “apático”, “não quer nada com nada”, “só vai à Escola passar o tempo”, “não se interessa pelo aula”, “não tem projeto”. Tudo isso reflete na ação do professor que passa a se sentir desmotivado, sem, contudo identificar a origem do seu sentimento na “opressão” e transfere para os alunos a origem da desmotivação. Recolocar a aula numa dinâmica cujo movimento vislumbre o construir o “amanhã”. Este ponto passa a ser crucial: **reconhecer que a sociedade está em construção**. Podemos aceitá-la na condição de passageiros passivo ou como condutores ativos. Podemos concluir este pensamento com o conceito de Paulo Freire o “inédito-viável” onde ele coloca que “... essa categoria encerra nela toda uma crença no sonho possível e na utopia que virá, desde que os que fazem a sua história assim queiram,”. Ele o propõe como alternativa à passividade e desesperança que os Homens e Mulheres cultivam quando hospedam em si o “opressor”, (FREIRE, 1992, p. 11 e 205).

Nesse sentido, a disciplina de sociologia adquire uma importância essencial para a formação dos “sujeitos da práxis”, professores e alunos. Pois segundo (FREIRE, 2007, p. 96) há uma necessidade no Brasil de “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”. Ela possui os conteúdos necessários à reflexão da sociedade capitalista em que estão inseridos. Desta forma eles poderão desvelar suas realidades e ver o Mundo da Cultura, criado e re-criado, diferenciando-o do Mundo da Natureza. E ao final deste processo assumir sua condição de sujeitos do Mundo.

## REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Educação e Poder**. Tradução Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ELEIZI, F. **Fundamentos sociológicos da Educação**, in Teleconferência do Departamento de educação Profissional/SEED-PR.. Dur. 97min. 08 de abril de 2005. Acervo em fita VHS do CETEPAR.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança. Um encontro com a pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GARBÚGGIO, J. **A correção de fluxo no estado do Paraná: história e resultados (1997-2202)**. Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação: Mestrado. Maringá, 2005.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais – rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOEDERT, R. Juventude(s) e escolarização; diálogos com “idéias” que construíram a imagem do sujeito jovem. In **Anais, I Seminário Nacional Corpo e Cultura: Possíveis abordagens, possíveis diálogos**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), Vitória, 2007. BORGES, C.; TAVARES, O; ANJOS. A. (Orgs.) ISBN: 978-85-88968-11-0

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

IANNI, O. A crise dos paradigmas na sociologia, problemas de explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v 22. 1990. Disponível em: <[www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_13/rbcs13\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_13/rbcs13_05.htm)>. Acesso em 18 de ago. 2007

KOSIC, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MÉSZÁROS, I. **Marx: a teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PARANÁ. **DIRETRIZES CURRICULARES ESTADUAIS – SOCIOLOGIA**. Seed, 2006.